



ANAIS do 25º Congresso Brasileiro de Espeleologia
Vinhedo SP, 09-11 de julho de 1999 - ISSN 2178-2113 (online)



O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 25º Congresso Brasileiro de Espeleologia disponível gratuitamente em www.cavernas.org.br/25cbeanais.asp

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

BARBOSA, E.P.; NOGUEIRA, K.A.B.; NEVES, N.G.S.. Caverna, história e tradição popular no sertão baiano. In: RASTEIRO, M.A.; MARTINS, L.R.B. (orgs.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 25, 1999. Vinhedo. Anais... Campinas: SBE, 2017. p.47-52. Disponível em: http://www.cavernas.org.br/anais25cbe/25cbe_047-052.pdf. Acesso em: *data do acesso*.

Consulte outras obras disponíveis em www.cavernas.org.br



CAVERNA, HISTÓRIA E TRADIÇÃO POPULAR NO SERTÃO BAIANO

Elvis Pereira BARBOSA – Professor/Pesquisador do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC.

Khalil Augusto Botelho NOGUEIRA - Estudante de 3º Semestre do Curso de História da UESC.

Nadja Gleide Sá das NEVES - Estudante de 3º Semestre do Curso de História da UESC.

Resumo

O artigo trata do fascínio que as cavernas exercem na humanidade e da relação existente entre estas e a tradição popular a partir de algumas referências tomadas como exemplo e do que pôde ser observado no município de Curaçá, sertão da Bahia, onde a história popular e as tradições se confundem como um sinal marcante da cultura local.

Palavras-chave: História; Tradição Popular; Espeleologia.

Abstract

The article attend fascination that the caverns exercise about the humanity and relation extant between those and the popular tradition as of some references taken for exemple and that can be seen at Curaçá, borough located in the medium São Francisco river, where the popular history and the traditions confuse themselves like a marked signal of local culture.

Keyword: History; Folk Customs; Caving.

De cavernas e de mitos das cavernas

As cavernas exercem um fascínio muito grande sobre os homens, desde os primórdios da História da humanidade. Em diversas culturas, os mitos envolvendo os homens, a escuridão, as cavernas, os subterrâneos das cidades, “seres fantásticos”, etc., estão bastante presentes no seu dia-a-dia e se traduzem através do enorme respeito por estes locais ou do acesso limitado em outros casos.

Ao dar uma rápida olhada na mitologia de alguns povos, pode-se encontrar as cavidades subterrâneas associadas à escuridão - direta ou indiretamente - e na maioria das vezes vinculada ao aspecto religioso.

“A Noite

Densa das trevas, filha do Caos, a Noite é a mais antiga das divindades. Certos poetas fazem-na filha do Céu e da Terra; Hesíodo qualifica-a como um dos Titãs e designa-a mãe dos deuses, porque sempre acreditou que a noite e as trevas haviam precedido todas as coisas. (...)”

“Érebo

Filho do Caos, irmão e esposo da Noite, pai do Éter e do Dia, Érebo foi metamorfoseado em rio e precipitado no

Inferno por ter socorrido os Titãs. Também se toma por uma parte do Inferno e pelo próprio Inferno (...)”. (COMMELTN, 1993, p. 3, 5).

A partir do exemplo acima, observa-se que entre os povos que ocuparam a Grécia durante a chamada Antiguidade Clássica, este fenômeno é marcante destacando sempre a constante luta entre o bem e o mal. Portanto, em diversas passagens da mitologia grega, as referências entre a religião, o mundo subterrâneo, a escuridão e os homens são visíveis como no trecho a seguir:

“Na mitologia grega e romana, o Inferno é o lugar subterrâneo aonde descem as almas depois da morte (...). 'Todos os caminhos levam ao Inferno', disse um poeta da Antiguidade, isto é, à morte e ao juízo que deve segui-la. Estes lugares subterrâneos, situados a uma profundidade incomensurável abaixo da Grécia e da Itália, estendiam-se até os extremos confins do mundo conhecido (...). Sua entrada, para os gregos, situava-se nas cavernas próximas do cabo Tênaros, ao sul do Peloponeso; os romanos supunham outras entradas, mais próximas deles, por exemplo, os sorvedouros do lago Averno, as grutas vizinhas de Cumos. De resto, tanto na Grécia como na Itália, era admitido e convencionado que todas as cavernas, todas as anfractuosidades, as rachaduras do solo,



cuja profundidade ninguém sondara, podiam estar em comunicação com o Inferno”. (COMMELIN, 1993, p. 187).

Logo, não seria errôneo afirmar que cavidades subterrâneas, mitos e religião se confundem na história da humanidade, ficando difícil em determinados momentos, precisar o que surgiu primeiro, se o mito, a relação entre este e a religião ou entre as cavidades subterrâneas e a religião, produzindo assim o primeiro. O desconhecido mundo subterrâneo apresenta-se como algo inusitado e dentro desta condição - do novo, sem fronteiras claras - a imaginação popular encontra espaço para formular as suas próprias ideias a respeito dos seres fantásticos que povoam este universo diferente. Recorrendo novamente à mitologia greco-romana, encontramos diversas passagens que fazem menção direta às cavernas ou ao universo subterrâneo, como por exemplo quando Teseu desceu ao inferno para raptar Proserpina, esposa de Plutão (Hades), tornando-se assim, seu prisioneiro, e somente foi libertado por intermédio de Hércules (Héracles) que também desceu ao inferno para libertar o amigo e retornou trazendo o seu guardião.

“Na Tessália e em diferentes regiões da Grécia, mostravam-se cavernas por onde dizia-se, Hércules havia trazido para a terra este monstro infernal. Mas, de acordo com a crença ou a lenda popular mais difundida, era pela caverna do cabo Tênaros, na Lacônia, que Cérbero, acorrentado e de cabeças baixas, viera seguindo seu vencedor. Nesse lugar e em lembrança dessa vitória, havia-se erguido um templo a Hércules, depois de se Ter aterrado o subterrâneo”. (COMMELIN, 1993, p. 198).

O desconhecido fascina e empolga as pessoas justamente por possuir características diferentes das normais. No universo subterrâneo a luz não penetra completamente permitindo assim a existência de um constante estado de “Caos”. A permanência desta “desordem” - a não existência de referências a respeito de onde fica o céu e o inferno num lugar em que a escuridão é eterna, ou onde é o teto e o piso - remete à imaginação popular para o seu cotidiano imediato, principalmente quando este é o religioso. Não é à toa que entre as pessoas mais velhas o respeito e o medo das cavernas e da escuridão são muito mais sentidos do que entre os jovens.

Para aqueles que estão entrando pela primeira vez numa caverna, a chamada “boca” é muito mais do que uma simples entrada, é o portal, a passagem

para um novo universo, onde os ratos se transformam em morcegos, onde Deus confinou Satanás ou até mesmo a representação de uma magnífica obra divina e que, como tal, deve ser preservada e adorada. A criação destes mitos advém de uma enorme necessidade de busca de explicações plausíveis para aquilo que não possui referências no cotidiano e esta procura pode estar ligada diretamente ao medo daquele lugar ser uma passagem para o inferno, afinal *“todos os caminhos levam ao Inferno”* (COMMELIN, 1993, p. 187).

Ao olhar novamente para o passado, encontram-se outras referências ligando o chamado mundo subterrâneo à religião. No início do cristianismo em Roma Imperial, os seguidores da nova religião reuniam-se nas catacumbas pois ali se sentiam mais seguros, ao mesmo tempo em que rompiam um pouco com as referências à religião romana, que considerava o interior da Terra como um dos domínios de Plutão. Após a afirmação dos cristãos enquanto grupo religioso hegemônico dentro da nova sociedade que surgiu com o colapso do império romano, os subterrâneos passaram a figurar não mais como um local seguro, mas sim como a zona de domínio de Satanás, haja vista que os seguidores dos antigos cultos religiosos romanos passaram a procurar abrigo para a manutenção das suas crenças nestes locais. Observa-se então, a inversão de valores promovida pela nova religião.

Somente em alguns casos, e em algumas poucas áreas distantes dos grandes centros urbanos, e que estes locais escuros, úmidos e inseguros ganham ares especiais e passam a fazer parte do universo mítico da população local. Nestes casos, o paradigma muda quando há uma combinação entre conveniência material e necessidade metafísica para justificar que tal mudança seja provocada pela busca de explicação do “improvável” ou pela proliferação dos chamados “homens santos”:

“As peregrinações desses ‘santos’ e de seus seguidores para lugares afastados da vida social aparecem então como metáfora da busca do sagrado que, através da experiência penitencial, pretende transcender o tempo e o espaço ordinários”. (STEIL, 1998, p. 36).

Cavernas enquanto locais sagrados

No mundo contemporâneo, alguns locais ainda guardam um significado sagrado para uma boa parte da população mundial. Desta forma, as peregrinações para Meca na Arábia Saudita, para o santuário de Fátima em Portugal, para o rio Ganges



na índia ou para a gruta do Bom Jesus da Lapa no interior da Bahia, possuem uma estreita relação de cumplicidade espiritual. Mais do que reforçar a fé religiosa, estes locais desempenham um papel fundamental enquanto referencial de sacrifício humano coletivo num mundo cada vez mais automatizado e individualista.

Estes locais são marcados pelas constantes peregrinações que os diversos fiéis realizam durante todo o ano, principalmente no período de comemoração das datas do lugar. Ao realizar uma peregrinação e participar de um ato de comemoração coletiva, o indivíduo consegue exteriorizar todo um sentimento de fé que se materializa através da representação do mito no qual ele deposita os anseios religiosos e as suas experiências de vida. Neste sentido, longe da importância que as cavernas tiveram para os homens na aurora da civilização, elas agora se traduzem como ponto de ligação entre o material e o sagrado, seja do ponto de vista mitológico ou religioso.

Os exemplos que acontecem em algumas grutas brasileiras como a do Bom Jesus da Lapa no município de mesmo nome, a do Sagrado Coração de Jesus da Gruta de Patamuté em Curaçá ou o que ocorria na Gruta da Milagrosa no município de Pau Brasil, todas localizadas na Bahia, são manifestações nítidas de uma tradição popular que enxerga nestas cavidades não apenas a entrada para o reino subterrâneo, mas sim uma passagem para o encontro com o criador.

“Alguns cientistas sociais têm estudado os santuários e as peregrinações com o objetivo de penetrar mais profundamente na cultura do povo brasileiro. Eles encontraram nesses eventos a condensação de mitos e cosmologias, histórias orais e relatos testemunhais, narrativas de milagres e de heróis que se apresentam como portas de entrada para uma tradição que dá forma ao agir e à visão de mundo de vastos setores da população”. (STEIL, 1998, p. 34).

Além do lado sagrado que envolve as cavernas, existe também um lado histórico, onde personagens reais convivem com o imaginário fantástico de alguns setores da comunidade onde a caverna está inserida. Neste contexto o que, inicialmente, foi apenas um “causo”, termina transformando-se em fato verídico, e em determinadas situações, difícil de ser retrabalhado junto à população como um acontecimento fictício ou irreal. Um caso típico desta dificuldade é o

apresentado pela população do Distrito de Patamuté, município de Curaçá, localizado no norte do estado da Bahia às margens do rio São Francisco.

A gruta em questão é a do Sagrado Coração de Jesus (Gruta de Patamuté BA-026) coordenadas geográficas S09°18'54,4” e W39°31'2,5” (24L 0442895, UTM 8970300), distante aproximadamente 18 km do distrito de Patamuté. Situada na região do Médio São Francisco, a área que compreende o município de Curaçá está localizada “sobre a faixa Sergipana, caracterizada pelos conjuntos de filitos, ardósia e calcários” (PIMENTEL, 1999). Com relação à gruta, no seu entorno é encontrada uma vegetação rala, característica da zona da caatinga, com um período de estiagem bem definido entre os meses de outubro e março. A população do município está em torno de 22.000 habitantes, segundo dados do último censo realizado pelo IBGE; no distrito de Patamuté, onde se encontra a gruta, a população gira em torno de 2.000 habitantes. O total de peregrinos que acorrem à cidade durante a época de romaria (30 e 31 de outubro e 1º de novembro) chega a aproximadamente 15.000 visitantes. Em outras ocasiões, a gruta recebe romeiros, como no dia 1º de janeiro, quando ocorre uma pequena peregrinação e no dia 6 de agosto quando “um grupo de oração de Pernambuco com mais de 500 pessoas organizado por um padre de Paulo Afonso também realizam um ritual religioso no local” (CYPRIANO e MALTEZ, 1998, p.11).

A vida econômica do município gira em torno da caprinocultura e da agricultura - lavouras de subsistência e algumas agroindústrias - envolvendo, principalmente, as culturas de manga, melão e uva, irrigadas com a água do São Francisco. No interior do município o que prevalece é a paisagem desoladora provocada pelos longos períodos de estiagem.

É em meio a este ambiente que acontecem todos os anos a romaria da gruta do Sagrado Coração de Jesus de Patamuté. A descoberta da gruta deu-se ao acaso, quando um caçador por nome Zé da Ema achou a entrada da mesma por volta de 1906 (CYPRIANO e MALTEZ, 1998, p.9). Segundo a crença da região, ao se descobrir uma caverna, a pessoa não pode informar para ninguém onde a mesma se encontra, pois morrerá logo em seguida (BRANDÃO e REGO, 1999). Coincidência ou não o Zé da Ema morreu três meses depois de anunciar a descoberta da caverna (CYPRIANO e MALTEZ, 1998, p.9).

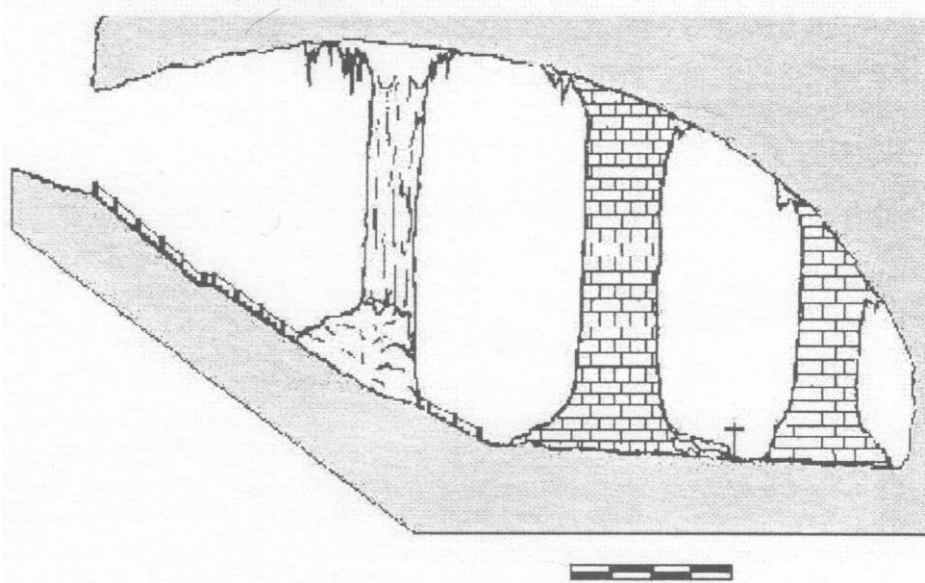


Fig. 1 Gruta de Patamuté. Corte longitudinal.

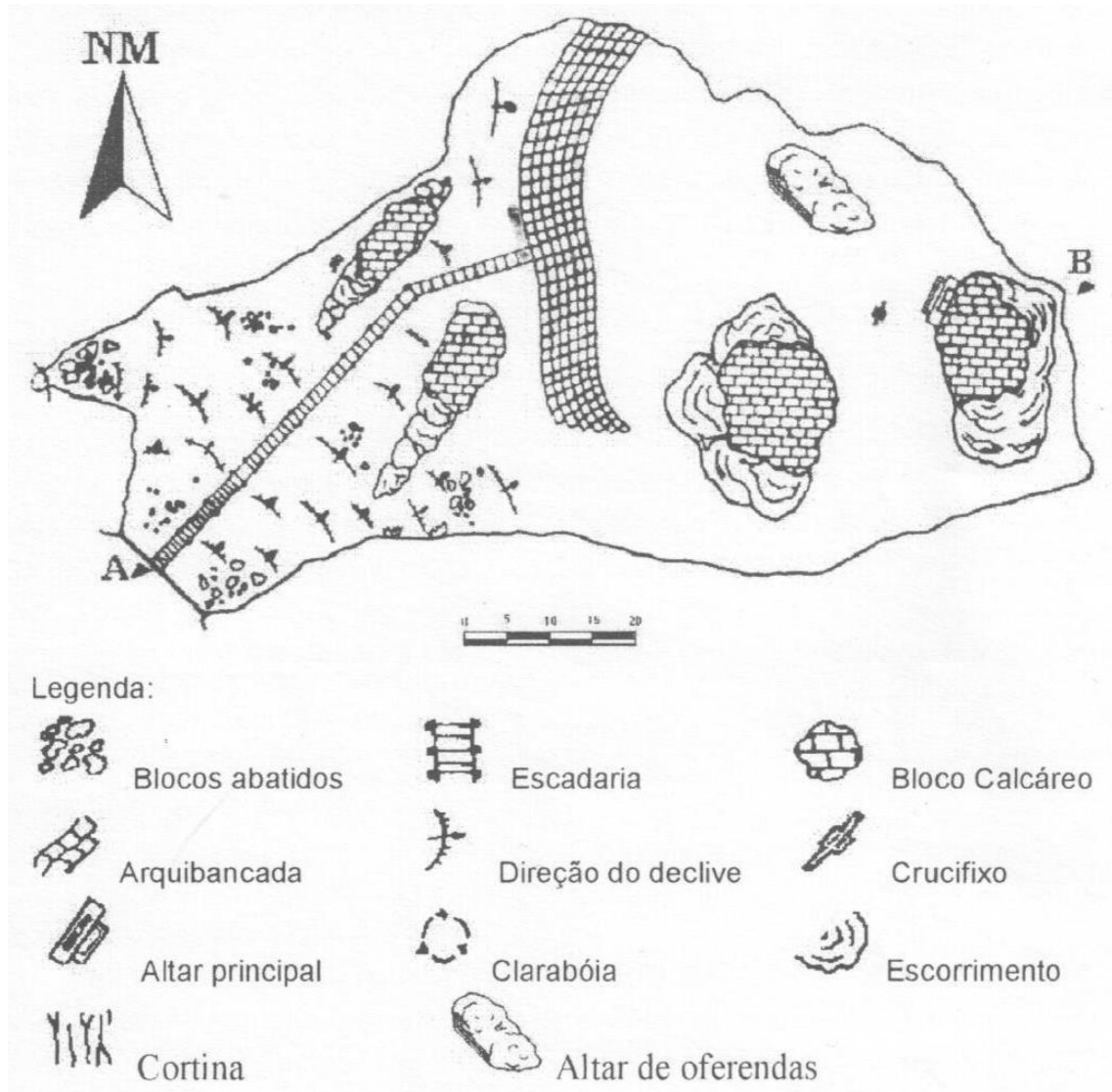


Fig. 2 Planta baixa da Gruta de Patamuté.
Fonte: GSBE – Grupo Sul Baiano de Espeleologia.



Inicialmente, as pessoas passaram a frequentar a caverna por considerarem-na bastante bonita, e por ser uma obra divina resolveram colocar ali a imagem do Coração de Jesus. Ou seja, o início da romaria à caverna começou não por ter ocorrido no seu interior alguma aparição de Jesus Cristo, mas sim pelo fato das pessoas do local terem sentido a necessidade de encontrar algo sobrenatural que desse justificativa às suas respectivas vidas. Em outras palavras, a caverna aparece neste momento como um subterfúgio para amenizar os sofrimentos decorrentes da seca que assolava a região naquele momento da descoberta da gruta.

“(...) ermidas situadas em meio a uma 'natureza' selvagem e inóspita tornam-se focos privilegiados de peregrinação religiosa e lugares de acolhida para viajantes, enfermos ou aventureiros que cruzam os campos, desertos e sertões. Algumas delas (...) encontram na geografia circundante, repleta de elementos de grande densidade significativa (grutas, rio, montanha, deserto etc), um contexto que potencializa o reconhecimento do sagrado nesses espaços” (STEIL, 1998, p. 36).

O sentido mítico da caverna aparece a todo instante, a começar pela localização. Ela encontra-se no topo de uma colina, com aproximadamente 50 m de altura. O acesso ocorre através de um caminho irregular e íngreme, aumentando o sofrimento dos fiéis durante o período de romaria, indicando então uma forma de purificação para pagar os pecados cometidos no dia-a-dia. Uma outra caracterização do mito da gruta pode ser observado no trecho a seguir: *“existe uma profecia atribuída ao Padre Manoel Félix, antecessor do Padre Toninho, que dizia que no dia em que a 'igreja' enchesse, ela se fecharia e todos morreriam dentro dela” (CYPRIANO e MALTEZ, 1998, p.9).* Desta forma, a gruta apresenta-se como o local apropriado para o encontro com o sagrado, uma vez que ali se materializam todos os sinais da religiosidade, como o sacrifício, a esperança de dias melhores, a volta do Salvador, o local para penitência, o depositário dos votos de fé.

Uma outra linha de abordagem sobre a relação entre a gruta e a população local, permite enxergar a participação popular através da manutenção das tradições e da resistência do

sertanejo à ideologia imposta pelos grandes centros urbanos. Estas tradições estão pautadas numa cultura que aparentemente apresenta-se como simples, mas que carrega toda uma história de luta e de superação das dificuldades vividas no campo pelo homem comum, que procura fugir ao maniqueísmo dos políticos que buscam a todo instante suprimir o direito de participação política desta população. Talvez esta outra abordagem permita uma melhor compreensão do sentido de permanência da religiosidade dos mitos populares e da busca de uma identidade própria, haja vista que a simplicidade da análise de mundo proporcionada pelo sertanejo se entremistura com os diversos aspectos de sua cultura.

A persistência destes fatos deve-se, principalmente, à cultura popular e à tradição oral encontrada junto aos moradores do local. Manter estas tradições, cultivar, através de um cerimonial, uma imagem, incorporar novos personagens que nem sequer passaram pelas imediações - como, por exemplo, a imagem do Padre Cícero, que foi posta recentemente por um dos prefeitos da cidade e que esta localizada em uma das pedras próximas à gruta - traduzem um pouco desta mistura entre o profano e o sagrado, o mitológico e o real. A universalidade da crença de que a imagem depositada no interior da gruta pode promover milagres, atrai uma legião de fiéis e se firma como uma das festas religiosas de maior importância da região do Médio São Francisco.

Neste sentido, a caverna consegue cumprir um papel que não é apenas o de mais uma cavidade subterrânea para ser explorada pelos espeleólogos, mas sim um sinal cultural que deve ser estudado, preservado e compreendido como expressão de uma tradição que consegue se manter viva, independente das novas tecnologias ou das novas abordagens teóricas a respeito do que é cultura, e que, como foi colocado no início deste artigo, continua a fascinar o homem por ser algo que foge a uma explicação mais imediatista, e por quê não dizer racional. Longe das considerações mais técnicas dos geólogos e ambientalistas a respeito do que é uma caverna e qual o seu papel dentro do ecossistema, a relação entre ela, a tradição popular, a história oral e as credences populares transcendem o discurso científico e entra no campo da realidade fantástica, mesmo sendo algo bastante real.



Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, J. R.; REGO, L. F **A gruta do sagrado coração de Jesus de Patamutê e outras informações sobre Curacá.** Curaçá, 05 mar. 1999. Entrevista ao Grupo Sul Baiano de Espeleologia da UESC.
- COMMELIN, P. **Mitologia grega e romana.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CYPRIANO, C. A. C.; MALTEZ, T. **Romaria do sagrado coração de Jesus da gruta de Patamutê: melhoria da infra-estrutura.** Curaçá: Prefeitura Municipal de Curaçá; SEBRAE-BA, 1998.
- PIMENTEL, J. M. O.; SOARES-SANTOS, B.; BRASILEIRO, A. C.; LOPES, A. P. S., SMITH. G., **Topografia da gruta de Patamutê.** Ilhéus: GSBE/UESC, 1999.
- STEIL, C. A. Peregrinações no sertão: viajantes, enfermos e aventureiros cruzam campos, desertos e sertões em clima de religiosidade, festa e penitência. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, vol. 24, n^o 142, p. 32-39. set. 1998.

ⁱ O monstro ao qual o autor se refere é Cérbero, cachorro com três cabeças que guardava a porta do Inferno.